

A IDENTIDADE MISSIONÁRIA DA IGREJA A PARTIR DA ENCARNAÇÃO

Um processo em continua evolução

de *Memore Restori*
memore.restori@gmail.com

RESUMO: A ação missionária do homem de Nazaré revela uma encarnação dinâmica de Jesus na realidade humana e cultural de seu tempo, uma postura de adaptação, de mudança e de inculturação perante novos desafios enfrentados na pregação do Reino de Deus em lugares dentro e fora do mundo judaico. A Igreja também precisa continuamente redescobrir sua identidade missionária diante de uma realidade em continua transformação afetando todas as dimensões da vida humana. Neste sentido a Encíclica “Laudato Si” lança perspectivas muito interessantes. A preocupação com o problema da ecologia e a necessidade de uma nova relação com a criação, abre um campo missionário até então desconhecido, que resgata o pensamento de Teilhard de Chardin. Estudos sobre a relação entre criação e encarnação redentora propõem hoje uma Teologia da Encarnação Profunda, permitindo-nos fazer uma abordagem sobre a relação entre a encarnação, o universo e todas as criaturas, enxergando novas possibilidades de avanços na Teologia da Missão.

PALAVRAS-CHAVE: missão, criação, Teilhard de Chardin, encarnação

ABSTRACT: The missionary activity of the man from Nazareth reveals a dynamic incarnation of Jesus within the human and cultural reality of his time, an attitude of adaptation, change, and inculturation in the face of the new challenges encountered while preaching the Kingdom of God in places both within and outside the Jewish world. The Church also needs to continually rediscover its missionary identity in the face of a reality in constant transformation affecting all dimensions of human life. In this sense, the Encyclical “Laudato Si” offers very interesting perspectives. Concern for the ecological crisis and the need for a new relationship with creation opens up a previously unknown missionary field, reviving the thought of Teilhard de Chardin. Studies on the relationship between creation and redemptive incarnation today propose a Theology of Deep Incarnation, allowing us to explore the relationship between incarnation, the universe, and all creatures, and to envision new possibilities for advances in the Theology of Mission.

KEYWORDS: mission, creation, Teilhard de Chardin, incarnation

INTRODUÇÃO

“A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária” (AG 2). Essa essência missionária da Igreja “brota do Amor Fontal, isto é, da caridade de Deus Pai” (AG 2), que é um Amor sem limites, “pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que os que nele creem não pereçam, mas tenham a vida eterna” (Jo 3,16). A vinda do Filho mostra como este mundo, a humanidade e a criação, são importantes para Deus. “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho” (Gl 4,4), “e o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). A Encarnação é um mistério divino que nos fala sobre a participação da Trindade: Deus Pai, Filho e Espírito Santo, na vinda de Jesus Cristo à Terra.

O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. [...] Toda a história da salvação não é senão a história da via e dos meios pelos quais o Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, se revela, reconcilia consigo e une a si os homens que se afastam do pecado (CIC 234). Através das missões divinas do Filho e do Espírito Santo, Deus Pai realiza seu desígnio benevolente de criação, de redenção e de santificação (CIC 235).

Esse movimento trinitário inclui um outro “movimento”: Pai, Filho e Espírito Santo enviando a Igreja para dentro do mundo, vinculando a missão da Igreja com a doutrina da Trindade (cf. BOSCH, 2007, p. 467). Assim sendo, a missão da Igreja em obediência ao envio por parte de Jesus Cristo (cf. Mt 28,16-20) tem seu referencial na encarnação do Filho Unigênito para encontrar sua própria identidade missionária. Uma identidade que, para a Igreja, não pode ser estática, e sim dinâmica, isto é, procurando atualizar seu compromisso missionário a partir dos desafios presentes nos cenários do mundo contemporâneo. O Papa Francisco aponta para uma nova missão que brota de uma Igreja em saída, uma Igreja de portas abertas (cf. EG 46) que, saindo do próprio conforto, se coloca a caminho para se encontrar com o “outro”, com o diferente, com os excluídos, oferecendo para a humanidade a alegria e a esperança do Evangelho.

Essa renovação missionária, da Igreja, será possível a partir da experiência histórica de Jesus Cristo, que aceitando o desígnio do Pai “não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo” (Fl 2,6-7).

A CAMINHADA HISTÓRICA DO HOMEM DE NAZARÉ

Com seu nascimento, Jesus passa pelo processo de *enculturação*, através do qual aprende as exigências da cultura na qual está inserido. É uma passagem, através de etapas, que o ser humano vivencia com a finalidade de aprender e assumir os valores, os costumes e os comportamentos presentes no berço da cultura de seu povo. Jesus também, conduzido pelos pais, Maria e José, é iniciado na cultura do povo judaico e na Lei de Moises. O evangelista Lucas nos relata, embora de forma sucinta, este processo de enculturação de Jesus. Ao completar o oitavo dia, para toda criança do sexo masculino era realizada a cerimônia da circuncisão (cf. Lc 2,21). A marca que ficará no corpo da criança servirá como sinal de pertença ao povo judaico.

Após essa primeira fase, que definimos como enculturação na cultura judaica, Jesus, com idade adulta, vai se preparando para o ministério que lhes foi conferido pelo Pai. A preparação ao seu ministério, prevê uma segunda fase: as tentações no deserto. Após o batismo no rio Jordão, Jesus é conduzido pelo Espírito Santo no deserto onde enfrentará diversas tentações. A passagem pelo deserto é a experiência dos limites, das tentações, que experimenta o ser humano feito de carne. Jesus é um ser humano “nascido de mulher” (Gl 4,4), inclusive, no prólogo do Evangelho de João encontra-se aquela afirmação categórica: “E o Verbo se fez carne e abitou entre nós” (Jo 1,14). Para que não ficassem dúvidas, a respeito da encarnação, os Evangelistas apontam em vários momentos as necessidades fisiológicas relacionadas à sobrevivência individual que Jesus experimentou como: sentir fome (Mt 21,18), ter sede (Jo 19, 28), necessidade de dormir por causa do extremo cansaço (Mt 8,24). Além disso, Jesus, experimenta emoções como: a compaixão, a tristeza, a indignação e outras.

Jesus, após a experiência no deserto e acompanhado pelo Espírito, volta para a Galileia e inicia sua missão anunciando o “Reino de Deus”, solicitando o povo à conversão e acreditar na Boa Nova do Evangelho (Mc 1,14; Mt 4,17). No início do seu ministério encontrou acolhida e admiração em toda a região, como nos lembra o Evangelista Lucas (cf. Lc 4,14-15), ao contrário do que aconteceu na sinagoga de Nazaré onde foi criado. A desconfiança do povo, pelo fato de conhecerem a família de Jesus, gerou um bate-boca entre Jesus e os ouvintes (cf. Lc 4,20-30). Expulso da cidade Jesus foi para Cafarnaum, norte da Galileia, onde operou muitos sinais como: a cura do servo do centurião romano (Mt 8,5-13), a cura da sogra de Pedro (Mt 8,14-15). À beira do mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André e os chamou para segui-lo (Mt 4,18-20). Continuando a caminhar Jesus encontrou outros dois pescadores e os chamou (Mt 4,21-22).

Esta fase do ministério de Jesus começa assumir novos contornos devido à pluralidade cultural e religiosa do contexto onde é chamado a anunciar o Reino de Deus e a conversão. É a fase mais difícil do seu ministério, em razão de ser judeu de Nazaré da Galileia, tradição que seguiu fielmente, desde criança, graças à formação dos seus pais, devotos de Israel. Agora, percebe que é imprescindível, para sua missão, cruzar fronteiras: religiosas, políticas, culturais e geográficas: precisa *inculturar* a missão recebida do Pai numa realidade plural e complexa. “Com efeito, por sua encarnação, o Filho de Deus uniu-Se de algum modo a todo homem” (GS 22) e Jesus o Cristo “é o único nome divino que traz a salvação” (CIC 432). É através de sua missão inculturada que são transmitidos os valores do Reino de Deus, dentro e fora da cultura judaica, enriquecendo-a, purificando-a e sem coerção.

Nessa perspectiva, Jesus de Nazaré vai tomando consciência de sua verdadeira missão: “eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Esta nova consciência emerge claramente na resposta de Jesus ao Pai relatada na carta aos Hebreus: “por isso eu digo: Eis-me aqui, no rolo do livro está escrito a meu respeito, eu vim o Deus, para fazer tua vontade” (Hb 10,7).

Inclusive Jesus numa resposta aos seus discípulos disse: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra” (Jo 4,34). Na medida em que Jesus amadurece sua consciência missionária suas atitudes mudam, mostrando que as culturas, as leis, os costumes e as relações humanas nem sempre estão em sintonia com o projeto do Reino de Deus. Sendo assim, essa fase da inculturação da missão de Jesus, na cultura judaica, encontra certa dificuldade, como na interpretação da Lei de Moises no confronto com os fariseus e os escribas (cf. Mt 15 1-20).

Quando Jesus se deslocou para a região de Tiro e de Sidônia, na Fenícia, ao norte da Galileia, região cujos habitantes eram chamados, pelos judeus, de “cachorrinhos”, o ministério, do Homem de Nazaré, encontra uma nova dificuldade no processo de inculturação. Acompanhando o relato do encontro de Jesus com a mulher cananea (cf. Mt 15,21-28), percebe-se um choque cultural gerando certo desconforto nesse encontro inesperado. Porém, algo de novo aconteceu: duas culturas antagônicas que através de um diálogo, aparentemente sem saída, mas com a insistência da mulher e de uma compreensão mais profunda de Jesus a respeito de sua missão, chegam a perceber os valores escondidos presentes em cada cultura.

Nesse novo cenário da Fenícia, área predominantemente gentia, coloca-se em destaque a expansão da missão de Jesus além das fronteiras de Israel. O Reino de Deus é inclusivo, transcendendo fronteiras culturais, étnicas e religiosas. Este novo conceito que os discípulos de Jesus tiveram de aprender será um processo de aprendizagem, bastante demorado na Igreja nascente, marcado por dúvidas, polémicas e controvérsias sobre a aplicação da Lei Mosaica para os convertidos ao cristianismo. Tudo isso foi mais ou menos solucionado no Concílio de Jerusalém (cf. At 15).

Visando esclarecer melhor o uso dos termos usados até então: Encarnação – Enculturação – Inculturação – Evangelização Inculturada – Inculturação do Reino de Deus, apresentamos o tópico de um texto do Teólogo Paulo Sues: “Evangelização Inculturada”.

O paradigma da inculturação se inspira no mistério da Encarnação do Verbo. Contudo, trata-se apenas, como o Vaticano II diz, de “uma não medíocre analogia” (LG 8). Jesus, segundo sua natureza humana, nasceu em Belém e foi criado em Nazaré, onde se enculturou e socializou com sua própria cultura. Até aqui não houve inculturação numa cultura estranha. Ele aprendeu desde criança sua própria cultura como todos nós. Como pessoa divina, porém, podemos, analogicamente, dizer que Ele veio de “outro continente”, saiu de sua “pátria divina” e se inculturou numa pátria “estranha”, na “pátria humana”. A Encarnação, portanto, tem algo específico e não pode sem mais nem menos ser identificada com a inculturação. Precisamos sempre distinguir esses dois momentos. Deus despojou-se - São Paulo fala da kenose (Fl 2) - de sua divindade e entrou nessa cultura de Nazaré (inculturação). Mas esse Deus também nasceu como pessoa humana e se enculturou aprendendo com os nazarenos. (SUESS, 2017, pg.9 -10).

A IDENTIDADE MISSIONÁRIA DA IGREJA A PARTIR DA ENCARNÇÃO

O Papa Bento XVI na Audiência Geral de quarta-feira, 9 de janeiro de 2013, aproveitando do tempo natalino, abordou o tema da encarnação, dizendo: “Em Jesus, Deus encarnou-se, tornou-se homem como nós e assim abriu-nos o caminho para o seu Céu, rumo à plena comunhão com Ele”. Continuando sua abordagem sobre a encarnação, explicitando o motivo pelo qual o Verbo o Filho de Deus, se fez homem, chegou à conclusão de sua explanação dizendo:

Proponho um último elemento à vossa reflexão. São João afirma que o Verbo, o Logos, estava em Deus desde o princípio, e que tudo foi feito através do Verbo e nada do que existe foi criado sem Ele (cf. Jo 1,1-3). O evangelista alude claramente à narração da criação, que se encontra nos primeiros capítulos do Livro do Génesis, relendo-o à luz de Cristo. Este é um critério fundamental na leitura cristã da Bíblia: o Antigo e o Novo Testamento devem ser lidos sempre juntos, e é a partir do Novo que se revela o sentido mais profundo também do Antigo. Aquele mesmo Verbo que existe desde sempre em Deus, que é Ele mesmo Deus e por meio do qual e em vista do qual tudo foi criado (cf. Cl 1,16-17), fez-se homem: o Deus eterno e infinito imergiu se na finitude

humana, na sua criatura, para reconduzir a Ele o homem e a criação inteira (BENTO XVI, Audiência: 09/01/2013)

O binômio “homem e a criação inteira” objetivo da salvação redentora de Jesus Cristo, realizada através da sua encarnação, paixão, morte e ressurreição, aponta para uma nova dimensão da identidade missionária da Igreja fundamentada na encarnação. A responsabilidade missionária do cristão se estende alcançando toda a humanidade e toda a criação. Mais um apontamento nessa linha de pensamento está presente na *Encíclica Evangelium Vitae* do Papa João Paulo II (1995). Após ter comentado o texto de Gênesis 1,28, o Papa apresenta a importância do cuidado por parte do homem com a natureza:

Chamado a cultivar e guardar o jardim do mundo (cf. Gn 2,15), o homem detém uma responsabilidade específica sobre o ambiente de vida, ou seja, sobre a criação que Deus pôs ao serviço da sua dignidade pessoal, da sua vida: e isto não só em relação ao presente, mas também às gerações futuras. É a questão ecológica – desde a preservação do «habitat» natural das diversas espécies animais e das várias formas de vida, até à «ecologia humana» propriamente dita – que, no texto bíblico, encontra luminosa e forte indicação ética para uma solução respeitosa do grande bem da vida, de toda a vida (EV 42).

Sendo assim, a passagem do texto de Gênesis 1,28, onde se fala do “domínio do homem”, ainda hoje está sendo manipulada pensando que o homem tem esse poder ilimitado sobre a criação. “No entanto, o seu domínio não é absoluto, mas ministerial: é reflexo concreto do domínio único e infinito de Deus. Por isso, o homem deve vivê-lo com sabedoria e amor, participando da sabedoria e do amor incomensurável de Deus” (EV 52). Dito de outra forma, o homem é chamado a cuidar da criação e das criaturas: “alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo” (LS 216).

A Encíclica *Laudato Si'* (2015) sobre o cuidado da casa comum, é um apelo para uma renovação pessoal: “se os desertos exteriores se multiplicam no mundo, porque os desertos interiores se tornaram tão amplos a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior” (LS 217). Papa Francisco define esta

conversão como “uma conversão ecológica” que permite ao discípulo missionário viver intensamente as consequências do encontro com Jesus Cristo. Isto é, “viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa” (LS 217). Esta conversão “implica ainda a consciência amorosa de não estar separado das outras criaturas, mas de formar com os outros seres do universo uma estupenda comunhão universal” (LS 220).

Pode-se constatar que a atual sensibilidade ecológica presente na Igreja, foi uma temática abordada, de formas diferentes, por todos os Papas desde o João XXIII até o Papa Francisco com a Encíclica *Laudato Si'* e a Exortação Apostólica *Laudate Deum* (2023). Vale lembrar que também na sociedade a sensibilidade ecológica foi se despertando, ainda mais, nos anos 60/70 tendo presente que foram os anos onde nasceram movimentos como o da classe operária, o da contracultura, o da cultura antirracistas, feministas, entre outros. Algo que chama atenção é que o trabalho de base nas comunidades eclesiais, pouco se diferencia do trabalho de qualquer grupo ecológico. As temáticas enfrentadas praticamente são as mesmas: poluição ambiental, aquecimento global, meio ambiente, mudanças climáticas, uso racional da água, etc.

Contudo, os apontamentos da *Laudato Si'* nos convidam a dar um passo adiante, entender que nossa relação com a natureza é algo de mais profundo que merece uma adequada reflexão. Francisco nos alerta que “a conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária” (LS 219) que convida a uma nova maneira de ver a criação:

Em primeiro lugar, implica gratidão e gratuidade, ou seja, um reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai [...]. Implica ainda a consciência amorosa de não estar separado das outras criaturas, mas de formar com os outros seres do universo uma estupenda comunhão universal. O crente contempla o mundo, não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres (LS 220).

O desafio maior é saber captar a presença de Deus em toda parte, isto é, vislumbrar a *diafania* de Deus, sua “universal transparência” na criação e na história. Contemplar a luz, o calor, o amor do Pai, pelo dom do mundo, do ser humano e do universo com todas as criaturas, formando uma verdadeira comunhão universal. Precisamos, como nos fala o Papa Francisco ter “a consciência de que cada criaturas reflete algo de Deus e tem uma mensagem para nos transmitir, ou a certeza de que Cristo assumiu em Si mesmo este mundo material e agora, ressuscitado, habita no íntimo de cada ser, envolvendo-o com o seu carinho e penetrando-o com a sua luz” (LS 221).

A Doutora, em Ciência da Religião, Déborah Terezinha de Paula Borges, numa entrevista à Revista Instituto Humanitas Unisinos (29/06/2015), sustenta a tese de que a “*Laudato Si*” é um texto impregnado de Teilhard de Chardin”. Isto é, uma nova visão sobre o universo:

O Deus de Teilhard é o Cristo Universal, aquele cuja epifania se deu outrora nas terras da Palestina e cuja diafania agora se dá no coração da matéria, um rosto que não se esconde no invisível, mas se dá a conhecer naquilo que se pode ver e sentir. A mística de Teilhard é, nesse sentido, mística da escuta e da atenção, mística do cuidado, mística da sensibilidade e do respeito, mística do amor que faz Deus transparecer em todas as coisas (BORGES, 2025).

NOVAS PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS DA ENCARNAÇÃO

Nesses últimos anos começaram a serem divulgados trabalhos teológicos sobre um tema ainda pouco conhecido e de certo modo “suspeito”: a teologia da Encarnação Profunda. Essa recente reflexão teológica impulsionada pela nova sensibilidade ecológica é algo que nos pode ajudar a perceber a urgência de um novo modelo missionário a partir da encarnação de Jesus Cristo. Uma introdução à temática mencionada, nos é oferecida pelo Instituto Humanitas Unisinos, num artigo (30/12/2024) do teólogo Paolo Trianni, professor na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. No fim do seu artigo afirma: “A igreja em saída preci-

sa urgentemente de uma visão como a da encarnação profunda, porque ela se demonstra capaz de ler e narrar o cristianismo de maneira inovadora” (TRIANNI, 2024). Seguem alguns trechos do artigo mencionado:

A expressão *deep incarnation* (encarnação profunda) foi cunhada em 2001 pelo teólogo dinamarquês Niels Henrik Gregersen, em consonância com a ecologia profunda do filósofo norueguês Arne Naess. Essa ramificação teológica também possui, portanto, um fundo ecológico que a torna altamente atual. Essencialmente, retoma a questão do “*Cur Deus homo*”¹, embora de um ponto de vista diferente daquele da soteriologia tradicional. Orientada dessa maneira, a teologia resulta de absoluta centralidade no panorama contemporâneo, porque não expressa um genitivo teológico entre outros, mas uma maneira de ler Deus, o cosmos e o ser humano de um ponto de vista inusual: o da encarnação. Isso é demonstrado pelo fato de que ela cruza com disciplinas tão diversas quanto a cosmologia, a cristologia, a trinitária, a fundamental, a soteriologia e, por último, mas não menos importante, a ecologia”. [...].

Os autores da teologia da encarnação profunda especificam, entretanto, que é necessário manter uma distinção clara entre o panteísmo, segundo o qual Deus e o mundo se identificam, e o panenteísmo, que, em vez disso, limita-se simplesmente a reconhecer que tudo está em Deus. Em outras palavras, o panenteísmo equilibra transcendência e imanência de forma mais equilibrada (TRIANNI, 2024).

No ano 2024 foi publicado, pela Queriniana, o livro “*Incarneazione profonda. Sofferenza di Dio e redenzione delle creature*” (Encarnação Profunda – Sofrimento de Deus e Redenção das Criaturas) do teólogo australiano Denis Edwards. Levando em consideração o título do livro percebe-se que a proposta do au-

¹ *Cur Deus Homo?* (Latim para “Por que [Foi] Deus um Humano?”), geralmente traduzido como Por que Deus se Fez Homem, é um livro escrito por Anselmo de Cantuária no período de 1094–1098. Nesta obra, ele propõe a visão da satisfação da expiação.

tor pretende estabelecer conexões entre a encarnação e o todo da criação. Em outras palavras, a relação entre encarnação e criação nos leva a profundos questionamentos decorrente das novas abordagens da “Teologia Ecológica”. Bem sabemos que a encarnação do Cristo é a base da redenção humana, porém, pensando só no ser humano, não estaríamos limitando o potencial da encarnação? Portanto, nos perguntamos: qual é a relação entre o vasto mundo natural, o mundo das galáxias e estrelas, montanhas e mares, bactérias, plantas e animais, e a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo?

Este é um tema profundo e ao mesmo tempo urgente para a teologia contemporânea. Em alguns círculos ecológicos há uma impaciência compreensível com o que é visto como antropocentrismo cristão e a sua preocupação com a salvação individual. Este antropocentrismo – alguns argumentam – precisa de ser substituído pelo biocentrismo, e o foco unilateral na redenção em Cristo por uma teologia renovada da criação. Estou convencido, porém, de que a teologia ecológica, se quiser verdadeiramente ser uma teologia cristã, não será nem antropocêntrica nem biocêntrica, mas radicalmente teocêntrica: centrada no mistério de Deus revelado em Cristo e não implicando uma rejeição ou omissão da teologia da redenção, mas uma penetração mais profunda no mistério conjunto da encarnação e da redenção, de modo a manifestar o seu significado ecológico superabundante para o nosso tempo [...]. (EDWARDS, 2024).

Edwards argumenta que é “fundamental neste projeto é, antes de tudo, uma compreensão do evento de Cristo em todos os aspectos como um evento genuíno do Espírito e não apenas da Palavra, onde a atividade do Espírito não se limita ao início da vida de Jesus”. Ou seja, o Espírito atua não apenas na sua fase inicial, tecnicamente na encarnação no seio de Maria, mas de forma concreta e histórica em toda vida de Jesus. Tanto no evento de Cristo como na Igreja, a Palavra e o Espírito juntos fazem a obra de Deus: “todas as coisas, portanto, são criadas através da Sabedoria de Deus e no Espírito que dá vida, e a nossa redenção ocorre através da incorporação da Sabedoria divina no poder do Espírito”.

Em segundo lugar, para uma verdadeira teologia ecológica cristã é preciso manter a criação e a redenção juntos num único discernimento: o Deus que criou o mundo é o Deus que se revela em Jesus de Nazaré e no Espírito de Pentecostes. No evento de Cristo Deus revela-se como amor gratuito assim como no Espírito derramado: “a doação divina pode ser vista como a caracterização de toda a ação de Deus, na criação, na graça, na encarnação e na transformação final de todas as coisas”. Desta maneira, criação e encarnação redentora, criação e nova criação em Cristo, estão unidas no ato trinitário de doação: “não se pode nunca dissociar o plano da criação do plano da redenção” (EN 31).

Uma terceira estratégia fundamental para uma teologia ecológica cristã é articular uma teologia da redenção, da nova criação em Cristo, que seja capaz de proclamar o evento-Cristo num novo tempo e de mostrar o seu significado não apenas para os seres humanos, mas para toda a criação. Para Edwards, o conceito de *transformação divinizante* é uma forma viável de expressar o sentimento de redenção tanto dos seres humanos como de outras criaturas hoje.

A redenção em Cristo pode ser entendida como uma *transformação divinizante* em três níveis:

- 1) No nível humano, envolve o perdão dos pecados, a justificação pela graça, a habitação do Espírito Santo, a comunhão na vida da Trindade, o chamado ao discipulado e a vida plena.
- 2) No nível da matéria, a encarnação é o início da transfiguração do universo, com todos os seus processos e as suas entidades, o início embrionário da transfiguração e da divinização da realidade universal, como afirma Rahner.
- 3) No nível da vida biológica, enquanto a promessa bíblica representa o cumprimento em Cristo da “própria criação” (Rm 8,19), de “todas as coisas” (Cl 1,20), e isso inclui outros seres animais e todo o mundo interconectado da vida na Terra. Deus abraça a “carne” em Jesus de Nazaré, para que a carne toda possa ser transformada e divinizada.

Tendo em consideração, os apontamentos do Papa Francisco na *Laudato Si'* e os questionamentos e intuições que nos chegam, através do trabalho de teólogos, sobre a “Teologia Ecológica” e da “Encarnação Profunda”, percebem-se elementos de reflexão que nos abrem para uma nova perspectiva, com a possibilidade ou a necessidade de objetivar a elaboração de um novo paradigma missionário. Reiteramos que, seja na sociedade como na Igreja despertou-se bastante interesse pela ecológica, isto pode incentivar os agentes missionários, para uma Missão direcionada a esse específico âmbito. A humanidade está vivenciando um novo momento histórico, apesar de muitos desafios vindo de uma polarização que chega a negar as evidências e a ciência, está brotando uma nova consciência ecológica levando a significativos cuidados com a “Casa Comum” e uma nova forma de relacionamento com o ser humano e todas as criaturas.

Porém, aqueles compromissos assumidos, seja pela “ecologia rasa” como pela “ecologia profunda”, devem ser integrados, enriquecidos, conforme a Encíclica *Laudato Si'* e as perspectivas da Teologia da Encarnação Profunda. Além do um “simples cuidado” com a criação, o discípulo missionário, precisa experimentar, vivenciar e se alegrar com a diafania de Deus no universo e em todas as criaturas. Hoje poderíamos dizer que a Missão Evangelizadora é comunicar, sim, a Palavra de Deus, mas, também ajudar a ler o “Evangelho da criação”, isto é, ajudar a interpretar, colher a “Palavra de Deus” na diafania de Deus na natureza. É um novo desafio, que nos espera, para avançar mais na Missão da Igreja e em nossa Ação Evangelizadora.

CONCLUSÃO

A experiência missionária de Jesus Cristo, junto aos seus discípulos, nos revela que a missão é dinâmica. De fato, precisa se evoluir conforme os avanços teológicos e os novos desafios que se apresentarem. Por conseguinte, a Igreja que sempre precisa redescobrir sua própria identidade missionária, para tal fim, o primeiro referencial será analisar a experiência de Jesus Cristo desde sua

encarnação, a vida pública com seus discípulos, até sua paixão e morte na Cruz. Tudo isso, conjugado com a realidade que se apresenta num mundo em contínua transformação afetando todas as dimensões da vida humana. Algo que nos chamou atenção nesse trabalho, foram as intuições do Papa Francisco na Carta Encíclica “*Laudato Si*” onde, perante os problemas apontado com relação à “Nossa Casa Comum”, a reflexão do Papa nos leva a entender que há um novo âmbito para a Missão da Igreja. Este novo âmbito é a criação, o universo, as montanhas, os rios e todos os seres onde podemos perceber e contemplar a diafania de Deus, e, nessa contemplação do mundo o crente pode reconhecer os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres (cf. LS 220). Essa “palavra divina” que nos chega através do Amor Criativo de Deus, precisa de uma nova mística para ser acolhida e transmitida ao ser humano que está se distanciando, cada vez mais, da obra de Deus.

Com esta motivação, direcionamos nosso trabalho para uma abordagem da Teologia Ecológica e Teologia da Encarnação Profunda, com o intuito de entender a relação entre encarnação e criação. O trabalho realizado não pretende ser uma conclusão, e sim um começo de um estudo mais profundo. Nos limitamos a uma simples abordagem, dessa temática, visando chamar toda atenção a essa recente reflexão teológica como estímulo para avançar na Missão a partir da “Encarnação Profunda”.

PARA REFLETIR

- No passado, e no presente, a encarnação esteve e está ligada exclusivamente a salvação humana; porém a criação abrange todo o universo: galáxias, montanhas, rios e todos os seres. “*Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom*” (Gn.1,31). Já pensamos a uma possível abrangência maior da encarnação?
- Estaríamos interessados em aprofundar esta temática da Teologia Ecológica e da Teologia da Encarnação?
- De que forma a Missão da Igreja poderia avançar nesse âmbito desconhecido?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES DE PAULA, D. T. Laudato Si': um texto impregnado de Teilhard de Chardin. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, Edição 468 | 29 junho 2015. Entrevista com a Prof.^a e Dor.^a Deborah Terezi-nha de Paula Borges. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6014-deborah-de-paula>>. Acesso em: 17/07/2025.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2025. **Apresentação de um grupo de jovens: Tema, lema e objetivo explicados**. Disponível em: <<https://jovenscatolicos.com.br/eventos-catolicos/explicando-o-carta-z-tema-e-objetivos-da-campanha-da-fraternidade-2025/>>. Acesso em: 17/07/2025.

EDWARDS, D. “Encarnação profunda”: rumo a uma teologia ecológica. **Instituto Humanitas Unisinos**, 12 março 2024. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/categorias/637281-encarnacao-profunda-rumo-a-uma-teologia-ecologica-artigo-de-denis-edwards>>. Acesso em: 20/07/2025.

PAPA BENTO XVI. **Audiência Geral**. Roma, 9 de janeiro de 2013.

SUESS, P. **Inculturação**. Questões introdutórias em torno do paradigma da Inculturação (Primeiro Núcleo de Missiologia). São Paulo 2017. Disponível em: <<https://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2017/11/1nucleo.pdf>>. Acesso em: 17/07/2025.

TRIANNI, P. A teologia da “encarnação profunda”. **Instituto Humanitas Unisinos**, 30 dezembro 2024. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/647169-a-teologia-da-encarnacao-profunda-artigo-de-paolo-trianni>>. Acesso em: 26/07/2025.